

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ

Editor principal — ALEXANDRE VIEIRA



PORCA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

ANO IV — Número 1.197

Sábado, 21 de Outubro de 1922

PREÇO — 10 CENTAVOS

Redacção, Administração e Tipografia

Calçada do Combro, 38-A, 2.º Lisboa — PORTUGAL

Endereço telegráfico: Talhava-Lisboa. Telefone 5339-3

Oficinas de impressão — Rua da Atalaia, 114 e 115

Para onde vamos?

Para onde nos leva a vilanagem da finança, do comércio e da indústria? — para a revolução insurrecional? — para as medidas de força executadas pelo povo desesperado?

Cumprem-se os fados!

Não é possível continuar a situação económica tal como se encontra. O desespero vai apossando-se dos menos animosos, dos menos irreductíveis.

Os clamores populares não são tomados na devida conta, nem por aqueles que espéciam com os cambios o que negoceiam em grande, nem pelo governo, que, ou está feito com todos os miseráveis que infrenemente tripudiam com a miséria e a fome de todo um povo, ou então não tem força para coisa alguma.

Nós não somos daqueles que acreditamos em que um governo, seja qual for, queira decretar medidas de força compatíveis com as necessidades dumha população sujeita às várias quadrilhas de bandoleiros encarados.

Mas ainda que nisso acreditássemos nem assim lhe pedirímos que as decretasse, tam convencidos estamos da sua inanidade.

E que quisquer que fossem essas medidas, mesmo medidas de força, as quadrilhas sempre conseguiram meio de furtar-se ao seu exacto cumprimento.

Os bandoleiros da finança, do comércio e da indústria, toda essa vilanagem maldita que promove a miséria popular, sabe sempre sofismar as leis — porque, ladrões extremos como são, encontram sempre maneira de se escaparem pela malha.

E quando assim não seja, os dinheiros que estorquem dos produtos a consumir pelo povo, para tudo chegarão — para multas, para fianças, para sustentar a venalidade de funcionários ou meirinhos, tendo assim a impunidade garantida, endossando sempre para sobre o costado do consumidor todos os prejuízos provocados pelas medidas governamentais.

Isto está dito e redito, por mil e uma formas.

Estamos mesmo convencidos de que as quadrilhas de ladrões legalizados, quando nos leem ou leem qualquer outro jornal que da questão trate com vivacidade e rebolta, se riem e apertam mais o laço em que mantêm o estrangulamento do povo.

Reclamar medidas de força ao governo? Para quê, se ele nada mais é do que o caixeteiro e simultaneamente guardião dos quadrilheiros?

Meses, anos a reclamar, e que vemos?

Tudo cada vez pior: os cambios a agravar-se de dia para dia, afixando as populações pobres e assalariadas.

Não valem já — nunca valeram! — aumentos de salário, protestos na praça pública, os constantes clamores dum povo famélico.

Quando todos esperavam que da parte do Estado viessem medidas tendentes a beneficiar o povo — surgiram novos impostos e contribuições, que por sua vez determinam novos encarecimentos em tudo.

As quadrilhas nem sequer verificam que os novos impostos e contribuições são lançadas para a conservação do próprio Estado: dos seus ministros e parlamentares; do funcionalismo, do exército, da polícia, da guarda republicana, da magistratura — de toda essa gente armada da Lei, da metralhadora ou do sabre e toda essa gente se destina a garantir-lhes o privilégio e a impunidade de roubo!

Para as quadrilhas já não bastam, pois, simples medidas legais; não basta a própria ação governamental, ainda que esta seja exercida por espírito de conservação das próprias quadrilhas: Nada, pela palavra, nada as devolve.

E entretanto esta população que pouco falta para estar por

Auxiliemos os presos por questões sociais

Ninguém ignora a situação difícil em que se encontram por essas prisões os presos por questões sociais.

Eles sacrificaram-se, arriscaram-se por uma causa que não lhes pertence apenas, que pertence a toda a gente, e agora acham-se sem recursos, o que numa cadeia representa uma verdadeira tortura.

Seria vergonhoso que o proletariado permitisse que tanta triste situação se mantivesse por mais tempo.

A comissão central pró-presos por questões sociais dirige ao operariado o seu comovido apelo a favor dos camaradas que, privados da liberdade, se encontram desprovistos de recursos e espera que enviem o seu auxílio para a administração de *A Batalha*, calçada do Combro, 38-A-2.

Nova extorsão?

Ainda não há muito tempo que o público de Lisboa foi vítima, por parte da Companhia Carris, duma extorsão violenta. Com suspeita aquiescência da Câmara Municipal, foram as tarifas da Carris aumentadas duma forma insuportável.

Pois não está satisfeita ainda. Torna com novas exigências, pretende nada mais, nada menos, de 30 centavos, por uma zona; 40, por duas; 50, por três; 60, por quatro; 70 por cinco.

Haverá bolsa de pessoa que não tenha senão o seu ganho honesto, que suporta tais exigências?

Que responderá a Câmara? Continuará a dar ao público motivo para suspeitas acerca da sua honestidade?

Estejamos alerta!

Ler TRABALHO, na 3.ª pág.

NOTAS & COMENTARIOS

Admirável! Ao sr. Paulo Freire (Mário), cujos dotes de inteligência máxima *A Batalha* já nem esquece de exaltar, causou espanto e satisfação patriótica, genuinamente patriótica, o facto de numa fábrica do sr. Portas, em Vizela, ter encontrado a fazer serviço de fogeiro, um rapaz de onze anos. São sempre razoáveis os espantos e satisfações do sr. Paulo Freire — sempre. Ele bem sabe, como expoente máximo do jornalismo português, distinguir o que é ou não útil à nossa pátria. Para él, um petiz de onze anos, horas sem fim, à "boca rústica duma fornalha" é qualquer coisa de grandioso, admirável, épico. E tem razão. Como deve entusiasmar a tuberculose dessa criança, de hoje a alguns anos! Como a pátria deve aproveitar com o belo sacrifício!...

Um prémio O parlamento brasileiro exteriorizou o seu respeito pela travessia aérea do Atlântico, concedendo a Sacadura Cabral e Gago Coutinho um prémio de cinquenta contos. Oxalá nos enganemos, mas parece-nos que se estão estragando dois homens de ciência, que relevantes serviços poderiam prestar ainda à humanidade, com tantas festas e benfeitorias.

A crise inglesa Lloyd George pediu a demissão colectiva do gabinete inglês. Uma crise em Inglaterra! Eis o facto sensacional que os jornais acabam de noticiar. E que motivo causa tanta impressão entre nós o facto de um governo pedir a demissão?... Seria interessante que se contasse quantos governos houve em Portugal, enquanto Lloyd George esteve no poder. Assim, sabe-se em Inglaterra a quem pedir contas das asneiras que se fazem.

A conferência do trabalho Em Genebra a conferência internacional do trabalho que como muitas outras conferências vai estudar a maneira de deixar o operariado na miséria de sempre, miséria, porém, animada de esperanças e promessas. Enfim, para prova de que os interesses proletarianos vão ser bem defendidos, basta dizer-se que o presidente da conferência é um lord.

Requisições falsas

6.000 escudos de gêneros roubados

A firma Pereira Gomes, Costa, Limitada, com armazém de merceria na rua de São Paulo, 124, apresentou queixa à polícia de que do seu estabelecimento saíram gêneros de primeira necessidade por meio de requisições falsas em nome de vários comerciantes da nossa praça, no valor de 6.000 escudos. Os autores estão já presos e ainda hoje irão para o tribunal.

E sempre assim, e afinal não deveria ser. Não deveria ser, porque, afinal, os autores só não souberam colocar-se dentro da lei. Se o tivessem feito poderiam roubar não só os 6.000 escudos como 600 milhões. E só uma questão de processo...

A morte de Manuel Maria Apelo aos fabricantes de calçado

Novamente se encontram hoje, na sede do Sindicato Ferroviário, membros da comissão administrativa do Sindicato dos Manufactores de Calçado, para receber os donativos da classe, para custear as despesas do funeral da camada Manuel Maria.

As subvenções

São mais os esquecidos que os contemplados

As subvenções — eis o maior aberto que a legislação republicana conseguiu deitar cá para fora!

Escrivemos um cantoneiro do distrito de Beja, pondo em relevo a situação miserável em que ficou a sua classe, totalmente esquecida pelo Estado.

Sabem quanto auferem os trabalhadores que estão reparando as estradas? Pasmem. Recebem 57 escudos, mensais!

Pois as subvenções não os atingiram — provavelmente porque foram considerados uma classe privilegiada...

Na mesma carta diz-nos esse cantoneiro que gasta, pelo menos, oito alqueires de farinha, por mês, que lhe custam 80\$00; ponham-lhe mais cinco litros de azeite, a 25\$00 (e é barato...) e vejam onde vão parar os 57\$00!

Enfim, ao nosso correspondente resta-lhe a esperança de ter bradado no deserto, que é o que tem acontecido a muita gente boa...

Dactilógrafos do ministério da Justiça

As dactilógrafas do ministério da Justiça procuraram o sr. dr. Cataño de Menezes, a fim de solicitar um deferimento para a sua pretensão, relativa a melhoria de vencimento. O ministro disse achar justa a pretensão e que a recomendava já ao seu colega das Finanças.

SOLIDARIEDADE!

PRÓ-MINEIROS DE AJUSTREL!

Auxiliemos os que estão lutando contra a feroz companhia belga

Está interessando cada vez mais à Organização Operária e particularmente a muitos indivíduos a sorte dos mineiros de Aljustrel, que há longos dias se encontram em luta por melhoria de situação.

Já nos referimos aos salários verdadeiramente miseráveis que aqueles camaradas estavam suferindo que não lhes chegava para mandar cantar um cego.

A companhia, porém, que tam fartos lucros vem recolhendo, à custa do trabalho alheio, entende que 35\$00 constitui para um mineiro uma autêntica fortuna e que ele não merece, apesar da sua labuta fatigante, possuir à mesa mais uma cédula de pão.

O sub-diretor da companhia pretende a todo o custo aniquilar a greve cuja razão nenhum homem de bem é capaz de contestar.

E preciso, porém, que a solidariedade operária não consinta que a companhia cometa tam grande crime, que reduziria os grevistas à miséria total.

O Comitê Confederal já dirigiu ao proletariado o seu apelo a favor das vítimas. Também hoje alguns organismos secundam o apelo. E o operariado — temos a certeza — não ficará indiferente. Os mineiros e os seus filhos vão ser assistidos da mais larga solidariedade.

Pró-mineiros de Aljustrel

Camaradas: E' hoje sábado. Daí em que os escravos da férula dão tratos à imaginação para com a escassa paga do seu esforço manterem o equilíbrio nos seus deficientes lares. A fraca férula para a ganância comercialista, corresponde uma enganosa alimentação, companhias e filhos com as carnes mal revestidas...

Mas, há pior! A algumas léguas daqui, uma legião de escravos do sub-solo, os mineiros de Aljustrel, há algumas semanas que lutam contra a ganância da fábrica e o espectro negro humano. Sem pão para os filhos, os láres exaustos, esse punhado de heróis prossegue lutando com uma dignidade admirável.

Operários que auferis a férula! Acorre a ameaçar as aguadas desses lutadores!

Reparti do vosso pão, do pão dos vossos filhos, com esses camaradas e seus filhinhos, para que a fome os não faça sossobrar.

A C. G. T. aguarda a vossa solidariedade, para transmitir a esse punhado de bravos!

O Comitê Confederal

União dos Sindicatos Operários

Encontrando-se esta classe em luta há muitos dias e numa situação deveras angustiosa, provocada pela injustificada renitência de uma companhia exploradora e estrangeira, a U. S. O. de Lisboa lembra a todos os trabalhadores desta cidade os deveres de solidariedade, concorrendo no dia de hoje com qualquer partícula das suas magras férias, para minorar um pouco a situação daqueles camaradas e para lhes servir de incentivo no prosseguimento da luta em que se lançaram até que justiça lhes seja feita.

Os donativos podem ser entregues na administração de *A Batalha*.

A Comissão Administrativa da U. S. O. de Lisboa

Federação Metalúrgica

A Federação Metalúrgica em Portugal, tendo em vista a situação precária dos estoicos batalladores de Aljustrel, pela sua greve prou-aumento de salário, apela para a nunca desmentida solidariedade dos metalúrgicos, a fim de que prestem aos grevistas o auxílio a que a

finalizem a greve.

Após a discussão d'este e outros assuntos, foi lida a nota e apelo da C. G. T. pró-mineiros e metalúrgicos de Aljustrel.

Depois de vários camaradas se referirem ao caso, Francisco Gracião, Luís de Carvalho, João Belchior, Francisco Vaz Ferro e José Torrado declararam responsabilizar-se a tomar conta de cinco filhos (cada um o seu) dos mineiros e metalúrgicos.

Viva a união das classes marítimas de Longo Curso!

Viva o jornal *A Batalha*!

Aante, camaradas, para conseguirmos um pouco mais do pão que nos pertence — A Comissão.

Em Aljustrel

Operários mineiros e metalúrgicos

ALJUSTREL, 19. — Para apreciar o resultado das demarques das comissões dos operários mineiros e metalúrgicos, sobre as suas reclamações de aumento de salário, realizou-se hoje uma grande sessão, a que presidiu Manuel Pinto, secretariado por Manuel Eugénio e Vitor Manuel.

Feita a leitura do expediente, que constava de muitos ofícios de diversos sindicatos prestando a sua solidariedade, fez-se também a leitura de um telegrama dando o movimento em bom caminho de se conseguir — vitória.

Fazendo uso da palavra, Vitor Manuel enalteceu o valor que o operariado organizado do país, tem prestado à causa dos operários mineiros, relatando ao mesmo tempo os benefícios que o nosso órgão na imprensa, *A Batalha*, tem prestado à mesma causa, dizendo que é necessário não esquecer que é ele luta com dificuldades e que tem o seu maior auxílio.

Manda a seguir para a mesa um telegrama, que foi aprovado por unanimidade, entre os vários oradores, entre elas Chicharo, Soares, Silva, etc., os quais condamnam asperamente a forma como o governo concedeu as subvenções à classe, sendo aprovada a seguinte moção:

"O pessoal da área da delegação de Beja, retribui, em assembleia magna, a desigualdade com que os trabalhadores que tem a sua situação de vida pior que a dos mineiros e metalúrgicos.

Matos dá explicações sobre as resoluções tomadas no Barreiro, e a seguir falam vários oradores, entre elas Chicharo, Soares, Silva, etc., os quais condamnam asperamente a forma como o governo concedeu as subvenções à classe, sendo aprovada a seguinte moção:

"O pessoal da área da delegação de Beja, retribui, em assembleia magna, a desigualdade com que os trabalhadores que tem a sua situação de vida pior que a dos mineiros e metalúrgicos.

Novas aclamações surgem na sala, tomado nesta altura a palavra António Alves Figueira, que escalpela os desfeitos da organização actual, para o que é necessário organizar-nos, declarando achar-se melindrado pela forma como alguns camaradas o apontam como agitador à greve. Que vejam todos

O governo tem estado reunido para estudar as providências sobre cambais.

Sim, sim! O diabo é que essas "providências" são apenas para consumidor ver — por um óculo e a distância, como sempre. E porque assim é, aos consumidores só resta reunirem-se e por si mesmos tomarem e executarem as "suas" provid

**Porque aderiu a Moscovia
a I. S. Italiana?**

Losovsky tratou a questão da atitude dos sindicalistas dos diversos países em face da revolução russa.

Disse: «Em 1920, os sindicalistas eram entusiastas da revolução russa.

A União Sindical Italiana deu a sua adesão sem reservas à nova Internacional para pôr-se em contacto com a revolução. Temos que repelir esta estranha interpretação.

E a repetição do que disse ontem o camarada Frossard, ou seja, que nós somos os apoiadores da revolução russa, porque nos apoiamos naquando estava no seu desenvolvimento e porque a rechazamos agora que está rodeada de dificuldades. Vejamos se aqui há algo de verdade. Qual é a nossa posição em face da revolução?

Há aqui alguém que nos pode servir de testemunha, é Monmousseau, que nos ajudou bem a fixar a moção votada em Paris.

Vou fazer-lhes conhecer esta deliberação. É interessante, porque, quanto não haja nenhum delito, na troca de ideias, se verá que nós não as mudámos.

O que é interessante é conhecer as ideias de Moscovia. As nossas ideias foram muito claras para todos.

Mas se nós demos a nossa adesão a Moscovia, Moscovia não nos deu a sua.

Era um abraço no ar. Nós abraçámos a sombra de Moscovia.

Eis aqui a nossa resolução sobre a adesão: «O congresso considera a concepção soviética da reconstrução social como uma unidade do Estado e declara que toda a superpotência à autonomia e ao livre funcionamento dos soviéticos, de toda a classe trabalhadora unida na

ação defensiva contra as ameaças da reacção, deve ser considerada como um atentado ao desenvolvimento da revolução e à realização da igualdade na liberdade.»

Com efeito. Qual foi o nosso ponto de vista?

Pensámos durante a guerra que a Internacional não poderia morrer. É verdade que a de Berlim (a de Legien), estava morta (os que amam os grandes homens estão chamados a conviver-se com esta recordação!) mas tratava-se precisamente da Internacional que ligava os proletários aos Estados dos diversos países. Nós que fomos irradiados da Segunda Internacional (recordar-se-ho que expulsaram não só os anarquistas, senão também os sindicatos que não aceitavam a luta eleitoral), pensámos que surgiria uma nova.

Depois, eis aí a primeira fase da revolução russa! Oh, não é a revolução que querímos, mas nunca condenámos as revoluções, queríamos que elas fossem, ainda que não fôssem tal como os desejávamos. Não condenámos a revolução dos jovens turcos, como não condenámos a de Portugal, ou a Áustria e a Alemanha. Condenámos Scheidemann e Noske, sem dúvida, mas não a revolução.

A revolução russa de Kerenski não era o que nós tínhamos querido; aceitámo-la, aplaudímo-la e criticámo-la também.

No mesmo tempo se viu o trabalho dos «contra-revolucionários». Os anarquistas e os sindicalistas estavam de acordo com os bolcheviques contra Kerenski. Era para pôr o tzar no trono? De nenhum modo; era para derrubar Kerenski, Kerenski acusava-os a todos de contra-revolucionários.

No que respeita à revolução de Outubro é outra coisa. A revolução de Outubro não é uma revolução política, mas sim económica e social: soviética. Falava-se do derribamento do Estado, da expropriação dos verdadeiros poderes, dos únicos poderes que são capazes de realizar a nossa revolução: a riqueza social.

Frossard disse ontem que a censura que se podia dirigir à Comuna era a de não ter sabido tomar a bolsa. Disse também que a censura que se podia fazer à revolução de 48 era a de não ter procedido à expropriação.

Mas, comunistas: estes são os argumentos que se voltam contra a dialetica comunista que diz que não se tem que expropriar directamente, porque é preciso tomar o poder e não proceder à gestão directa, que é preciso realizar depois a conquista do poder pela estatização gradual da propriedade de privada e que logo se darão aos operários os meios de trabalho.

Frossard disse também: «A vossa autonomia depende da vossa força». Então, como o Estado não pode morrer de um acidente, como não pode suicidarse, é preciso matá-lo. Mas quem o matará?

Na tese de Moscovia, na profunda dialéctica de Lenin e dos teóricos de Moscovia, o comunismo não significa comunidade de bens, da propriedade,

A BATALHA EM SAINT-ETIENNE

Em defesa do Sindicalismo Revolucionário A resposta de Borghi ao discurso de Losovsky

mas sim sistema crítico da interpretação dos acontecimentos revolucionários segundo o marxismo interpretado pelos russos!

Dir-vos-hei algumas palavras do que vimos na Rússia, onde fomos como admiradores, como adoradores.

Era fácil obter os passaportes em Itália nesse momento; quando molestavam o governo, dizia-vos imediatamente:

«Se queres ir, vai-te; podes ir a Moscovia ou a outra parte, se te apetece.»

Fomos a Moscovia. Nesse momento ainda os comunistas de Itália não se tinham constituído em partido.

Viajei com os prisioneiros russos que voltavam à sua terra; e, como não sabia falar o russo, tomaram-me por um prisioneiro surdo-mudo que tinha dado a sua vida à pátria. Eis como fomos à Rússia:

O que vimos e ouvimos na Rússia

Na Rússia havia já muitos camaradas, estavam Lepetit, Vergeat, outros franceses que não recordo os nomes.

Um delegado, Raymond Lefèvre.

Borghi. Havia camaradas de Espanha, da Alemanha, da América. Sim, estava Raymond Lefèvre, mas falo sobre o breveto dos sindicalistas: Lefèvre era comunista.

Falei com eles.

individualistas que punham obstáculos ao movimento, eu grito — vós ouviste — «Não, é Börgi que diz que não». Losovsky não respondeu. Repito o meu protesto. Encontrei na Rússia um homem que talvez todos vós conheçais: Kilbaltchiche.

Pedi a Kilbaltchiche que me falasse da revolução. Há cousas que tive de pedir-lhe, por amor às nossas ideias, que não continuasse dizendo.

Este camarada disse-me entre outras cousas: «Vai de manhã à tal rua, tal número, e espreite pelo buraco da fechadura.

Verás operários pálidos, enfraquecidos, desfeitos; esses homens estão prados por terem chegado com 5 minutos, entende bem, 5 minutos de atraso a trabalhos. (Protestos).

Eram ferroviários castigados; põe à cabeça dele, Monmousseau, não uma deliberação dos sindicatos, mas um decreto de Trotzky, comissário dos transportes e do exército. Eis ali a ditadura do proletariado contra a burguesia!

Para essa ditadura, temos tido a centralização contrária às leis da economia; temos tido a centralização das próprias leis da etnologia.

Vimos o imperialismo revolucionário. Não isso que queremos.

Tomemos um exemplo: Amanhã fazemos a revolução em Itália. Como trataremos os árabes da Tripolitânia? Enviremos à Tripolitânia um exército para obrigar os árabes, como estão obrigados a constituir parte do reino de Itália, a fazer parte do território revolucionário e a deixar-se governar por Roma ou pelo Comité central do partido comunista instalado no poder?

E devemos desperdiçar dinheiro e homens para obrigar os árabes a aceitar o nosso governo?

Eu digo que não. Caso nós temos que aceitar as consequências das conquistas imperialistas das monarquias. Nós podemos libertar os árabes, não pelo imperialismo, mas sim pela revolução. Daremos aos árabes: «Podemos escolher; podemos estar ou não estar com a revolução de Itália».

Naturalmente, há árabes revolucionários e nós ajudámos a derribar os patrões, os capitalistas. Mas deixámos os árabes a independência, assim podemos tê-los connosco, em lugar de estarmos contra eles e de lutar contra nós.

Deixaremos a independência, quer Sardenha, também com a monarquia, quer conservá-la.

Garantiremos igualmente a autonomia da Sicília. Não obraremos num como a monarquia, que pretende utilizar os árabes para aplicar os decretos de Trotzky, comissário dos transportes e do exército. Eis ali a ditadura do proletariado contra a burguesia!

Para essa ditadura, temos tido a centralização contrária às leis da economia; temos tido a centralização das próprias leis da etnologia.

Sim, camaradas! Contra-revolucionários como nós. Não se poderia acreditá-lo. Em Itália certamente não se quer crer. Porque nós sempre cumprimos com o nosso dever. Pouco, é verdade. Demasiado pouco em comparação com o que querímos fazer, com o que merece o nosso grande ideal.

Mas a tudo o que os acontecimentos nos exigiram, respondemos, colocando-nos sempre na vanguarda. Esta manhã quando Losovsky invocou o meu testemunho a propósito da atitude dos adversários da Rússia, quando quis fazer crer que eram os anarquistas

(Continua)



COMUNICAÇÕES

Federação do Livro e do Jornal.

— Conselho Central. — Reuniu ontem com a presença dos delegados dos organismos: Compositores e Impressores Tipográficos, Litógrafos de Lisboa, Lamas das Artes Gráficas do Porto e do Algarve e Distribuidores dos Jornais do Porto.

Entre outros assuntos foi resolvido o que se alongou em várias considerações sobre o Congresso, despertando a atenção da assembleia sobre a tese «Caixa de Solidariedade aos presos por questões sociais», fazendo ver a urgência em se formarem nos Sindicatos os Conselhos Técnicos, para o estudo da produção, visto ser a classe rural que tem a grande responsabilidade na alimentação da humanidade.

Falou a seguir Vital José, o qual se

despediu das suas considerações sobre o Congresso, despertando a atenção da assembleia sobre a tese «Caixa de Solidariedade aos presos por questões sociais», fazendo ver a urgência em se formarem nos Sindicatos os Conselhos Técnicos, para o estudo da produção, visto ser a classe rural que tem a grande responsabilidade na alimentação da humanidade.

Falou a seguir A. Demétrio que demonstrou a necessidade de todos os trabalhadores meditarem bem no que tinham acabado de ouvir a Vital José, aconselhando-os a unirem-se, porque os senhores da terra e do capital já não há nada a esperar senão a fome e miséria.

F. Pereira protestou contra o procedimento menos correto dum comerciante de terra para com um camionista rural, dizendo-lhe que mandasse vir de Lisboa operários para cá revoltarem os trabalhadores que depois cá estarão no próximo dia 1 de Novembro.

Sobre um ofício enviado pelo sindicato dos Fabricantes de Papel de Tomar foi resolvido dar o devido andamento.

Verificou-se a falta dos delegados dos seguintes organismos: Litógrafos do Porto, Encadernadores, Fabricantes de Papel de Tomar e Abelheira, e Fotógrafos de Lisboa, ficando assente oficialmente, rogando a sua comparação na próxima reunião que se efectua no próximo dia 1 de Novembro.

Faz votos porque concluído este li-

geiro incidente, a homogeneidade é indisponível, sem discussões entre trabalhadores leais e desinteressados se acen-

tui e afirme como base fundamental e

necessária para a obra idealizada da

emancipação da humanidade, no que

é principal obrareira e interessada a

família operária.

Pelo adiantado da hora não pôde ser discutida esta moção, sendo a sessão interrompida às 0 horas para continuar na próxima segunda feira às 21.

ganismo, mas até de desprestígio e ameaçamento do próprio sindicato, sem que para isso houvesse razões plausíveis, dando origem à justificada defesa por parte da Direcção na seguinte nota:

Resolve: — Prestar o seu apoio à Direcção, louvando-a, por se manter firme e à altura das suas responsabilidades, como propagadora do prestígio moral da Associação, acentuando assim uma vez mais a sua característica e razão de existência, em harmonia com os antecedentes, por mais de uma vez, de igual modo defendidos e expressos, em actos idênticos, pelos seus precursores; e

Faz votos porque concluído este li-

geiro incidente, a homogeneidade é indisponível, sem discussões entre tra-

balhadores leais e desinteressados se acen-

tui e afirme como base fundamental e

necessária para a obra idealizada da

emancipação da humanidade, no que

é principal obrareira e interessada a

família operária.

Pelo adiantado da hora não pôde ser

discutida esta moção, sendo a sessão

interrompida às 0 horas para continuar

na próxima segunda feira às 21.

CONVOCAÇÕES

Federação de calçado, couros

e peles. — Reuniu hoje a comissão

administrativa, na sede da C. G. T.,

pelos 21 horas, sendo necessária a com-

parência de todos os seus componentes.

Sindicato Único da Construção Civil. — Comissão de Melhoramentos.

— Este organismo convoca os sindicatos

que trabalham nas obras partici-

pares a comparecerem hoje, à largada do

trabalho (17 horas) até às 18,30, na sede do Sindicato, calçada do Combro, 38-A, 2º, para levarem convites a fim de se rem distribuídos para a sessão magna que se realiza na próxima segunda feira, 23, pro-aumento de salário.

Secção Profissional dos Pedreiros. — Reuniu esta comissão, tratando de vários assuntos. Resolreu reunir na próxi-

ma terça feira, devendo assistir todos os delegados que tenham delegacias dos pedreiros, assim como todos os militantes pedreiros, às 20 horas.

Mais considerando, a segunda nota

da mesma direcção, inserida em A Ba-

talha de quarta-feira, 18 de outubro, e

de uma consequência provocada por uma nota assinada pelos delegados operários ao C. G. T. e no mesmo jornal

publicada em 17, na qual se verificam

ataques pessoais e intempóreos, não

aos membros da Direcção destes or-

ganismos.

Mais considerando, a segunda nota

da mesma direcção, inserida em A Ba-

talha de quarta-feira, 18 de outubro, e

de uma consequência provocada por uma nota assinada pelos delegados operários ao C. G. T. e no mesmo jornal

publicada em 17, na qual se verificam

ataques pessoais e intempóreos, não

aos membros da Direcção destes or-

ganismos.

Mais considerando, a segunda nota

"A Batalha" no Pôrto

Ainda a fatídica desinfecção — O estremeço... dum criminoso que procura furtar-se á responsabilidade dos seus actos — Os comerciantes e o imposto de transacção — Jogo político da minoria socialista no município

Dissemos, numa das últimas cartas, que as juntas de paróquia desta cidade unham, numa reunião qualquer, lavra o seu mais veemente protesto contra a atitude perseguidora assumida por aquele célebre chefe de desinfecção, António Augusto de Almeida, que bastante te tem ocupado com coisas do Estado.

Agora, para complemento dessa informação, de reconhecida utilidade nesse momento, vamos adicionar os necessários acrescentos. Aquele funcionário, rejas gravíssimas irregularidades por mais do que uma vez temos patenteadas, sentiu-se atrapalhado e entristecido com o justo protesto das referidas juntas, congeendendo de sobrejo, também reclamando os altos poderes do Estado rigoroso inquérito aos incorrectos actos do dono da garage edificada à custa dos dinheiros públicos...

Os jornais anunciam que o ministro do Trabalho chegaria hoje à esta terra do norte, para fazer umas visitas a determinados estabelecimentos da sua alçada e para ouvir certas coisas que lhe seriam presentes. António Augusto de Almeida estremeceu: reviu-se nos seus crimes e ouviu, bem retumbantemente, as queixas da sua vítima e a formal repulsa das juntas de freguesia.

Era preciso abafar o eco dos protestos e desfazer a impressão causada pelas acusações que lhe fizeram sido dirigidas em público, a fim de que o ministro pudesse ouvir e não pudesse compreender. E — zás! obriga o pessoal do posto da desinfecção pública a publicar, num dos diários citados, uma declaração assinada, na qual se diz que o proprietário do Padrão-Palace e o dono da garage construída a expensas do Estado é uma excelente criatura, proba degra, disciplinadora, amiga dos seus subordinados. E os sinatários, entre os quais há quem temia ameaçado de agressões o seu chefe exímio, quem temia idênticas vezes presso devido às alcoólicas confusões do vinho e quem temia ensurado a velhaquice, a insoléncia e o autoritarismo irritante do tal intranferido disciplinador que tem dado diversos castigos a alguns dos próprios subordinados — e estes, diziamos, concluem por declarar que repelem, sim, com todo o desprazer, o seu ex-colega Bento Pinto, que lhes prestou muitos favores e lhes emproudiu dinheiro, que lhes trouxe a fome; etc. Na véspera da publicação do comunicado, todos cumpriram Bento Pinto, o perseguido do Augusto de Almeida, e, depois da denúncia, alguém dos sinatários pediu desculpa ao acontecido, pois fôra engido a assinar o papelinho, que corria por conta da bolsa do sr. António Augusto do posto de desinfecção portuguesa...

A respeito das falcatruras cometidas, história da garage, do imobilamento empregado, pagos pelo Estado, em serviços particulares do seu superior hierárquico, do indivíduo ou individuos, não comparecendo na representação, nem comparecendo na representação, da utilização de objectos do pôsto particular, da transformação do pôsto em armazém de vendas de automóveis — numa palavra: das gravíssimas acusações que, na imprensa, tem sido dadas ao chefe dos serviços de desinfecção desta cidade, não houve a menor alusão, a mais leve referência, que tudo ficou de pés... A estultura extrema de António Augusto de Almeida era desvairar as atenções do público, colocar como mentiras as juntas de freguesia e como mal informada "Batalha", para que o ministro, agora em perigo dele, lhe dedique toda a sua consideração, deixando-o no seu arranjo, que não tem sido de todo mau... Ao que parece, porém, as juntas de freguesia, não se dando por convencidas, vão apresentar um protesto ao gou que, com tal atitude, que deve ser remediado com as seguintes resoluções:

1.º pagar as percentagens ao Estado consignadas na lei do imposto das transacções, com a condição expressa do governo, ou seus fiscais, não meter o nariz nos mistérios da escrita, por causa das mósas; 2.º, para que fique resarcido o prejuízo derivado da imposição do imposto, todos os comerciantes deverão, em ordem triplicada, aumentar aos gêneros a percentagem devida, pagando o público dum modo indireto o que, directamente nas facturas, não quer contribuir. Chegada a assembleia a estes excelentes resultados, todos os presentes, por baixo da sanefa dos bigodes, se riram do pagode aquitado. Por que tudo aquilo foi uma farça?

Tramoia eleitoral

O vereador sr. Oliveira Pinto defendeu no comício, como já expliquámos, a abolição do imposto de consumo cobrado pela Câmara, quando o Estado, pelas determinações dos seus representantes, o auñaria em todo o país. Julga-se que, não se dando por convencidas, vão apresentar um protesto ao gou que, com tal atitude, que deve ser remediado com as seguintes resoluções:

1.º, pagar as percentagens ao Estado consignadas na lei do imposto das transacções, com a condição expressa do governo, ou seus fiscais, não meter o nariz nos mistérios da escrita, por causa das mósas; 2.º, para que fique resarcido o prejuízo derivado da imposição do imposto, todos os comerciantes deverão, em ordem triplicada, aumentar aos gêneros a percentagem devida, pagando o público dum modo indireto o que, directamente nas facturas, não quer contribuir. Chegada a assembleia a estes excelentes resultados, todos os presentes, por baixo da sanefa dos bigodes, se riram do pagode aquitado. Por que tudo aquilo foi uma farça?

O vereador sr. Oliveira Pinto defendeu no comício, como já expliquámos, a abolição do imposto de consumo cobrado pela Câmara, quando o Estado, pelas determinações dos seus representantes, o auñaria em todo o país. Julga-se que, não se dando por convencidas, vão apresentar um protesto ao gou que, com tal atitude, que deve ser remediado com as seguintes resoluções:

1.º, pagar as percentagens ao Estado consignadas na lei do imposto das transacções, com a condição expressa do governo, ou seus fiscais, não meter o nariz nos mistérios da escrita, por causa das mósas; 2.º, para que fique resarcido o prejuízo derivado da imposição do imposto, todos os comerciantes deverão, em ordem triplicada, aumentar aos gêneros a percentagem devida, pagando o público dum modo indireto o que, directamente nas facturas, não quer contribuir. Chegada a assembleia a estes excelentes resultados, todos os presentes, por baixo da sanefa dos bigodes, se riram do pagode aquitado. Por que tudo aquilo foi uma farça?

O vereador sr. Oliveira Pinto defendeu no comício, como já expliquámos, a abolição do imposto de consumo cobrado pela Câmara, quando o Estado, pelas determinações dos seus representantes, o auñaria em todo o país. Julga-se que, não se dando por convencidas, vão apresentar um protesto ao gou que, com tal atitude, que deve ser remediado com as seguintes resoluções:

1.º, pagar as percentagens ao Estado consignadas na lei do imposto das transacções, com a condição expressa do governo, ou seus fiscais, não meter o nariz nos mistérios da escrita, por causa das mósas; 2.º, para que fique resarcido o prejuízo derivado da imposição do imposto, todos os comerciantes deverão, em ordem triplicada, aumentar aos gêneros a percentagem devida, pagando o público dum modo indireto o que, directamente nas facturas, não quer contribuir. Chegada a assembleia a estes excelentes resultados, todos os presentes, por baixo da sanefa dos bigodes, se riram do pagode aquitado. Por que tudo aquilo foi uma farça?

O vereador sr. Oliveira Pinto defendeu no comício, como já expliquámos, a abolição do imposto de consumo cobrado pela Câmara, quando o Estado, pelas determinações dos seus representantes, o auñaria em todo o país. Julga-se que, não se dando por convencidas, vão apresentar um protesto ao gou que, com tal atitude, que deve ser remediado com as seguintes resoluções:

1.º, pagar as percentagens ao Estado consignadas na lei do imposto das transacções, com a condição expressa do governo, ou seus fiscais, não meter o nariz nos mistérios da escrita, por causa das mósas; 2.º, para que fique resarcido o prejuízo derivado da imposição do imposto, todos os comerciantes deverão, em ordem triplicada, aumentar aos gêneros a percentagem devida, pagando o público dum modo indireto o que, directamente nas facturas, não quer contribuir. Chegada a assembleia a estes excelentes resultados, todos os presentes, por baixo da sanefa dos bigodes, se riram do pagode aquitado. Por que tudo aquilo foi uma farça?

O vereador sr. Oliveira Pinto defendeu no comício, como já expliquámos, a abolição do imposto de consumo cobrado pela Câmara, quando o Estado, pelas determinações dos seus representantes, o auñaria em todo o país. Julga-se que, não se dando por convencidas, vão apresentar um protesto ao gou que, com tal atitude, que deve ser remediado com as seguintes resoluções:

1.º, pagar as percentagens ao Estado consignadas na lei do imposto das transacções, com a condição expressa do governo, ou seus fiscais, não meter o nariz nos mistérios da escrita, por causa das mósas; 2.º, para que fique resarcido o prejuízo derivado da imposição do imposto, todos os comerciantes deverão, em ordem triplicada, aumentar aos gêneros a percentagem devida, pagando o público dum modo indireto o que, directamente nas facturas, não quer contribuir. Chegada a assembleia a estes excelentes resultados, todos os presentes, por baixo da sanefa dos bigodes, se riram do pagode aquitado. Por que tudo aquilo foi uma farça?

O vereador sr. Oliveira Pinto defendeu no comício, como já expliquámos, a abolição do imposto de consumo cobrado pela Câmara, quando o Estado, pelas determinações dos seus representantes, o auñaria em todo o país. Julga-se que, não se dando por convencidas, vão apresentar um protesto ao gou que, com tal atitude, que deve ser remediado com as seguintes resoluções:

1.º, pagar as percentagens ao Estado consignadas na lei do imposto das transacções, com a condição expressa do governo, ou seus fiscais, não meter o nariz nos mistérios da escrita, por causa das mósas; 2.º, para que fique resarcido o prejuízo derivado da imposição do imposto, todos os comerciantes deverão, em ordem triplicada, aumentar aos gêneros a percentagem devida, pagando o público dum modo indireto o que, directamente nas facturas, não quer contribuir. Chegada a assembleia a estes excelentes resultados, todos os presentes, por baixo da sanefa dos bigodes, se riram do pagode aquitado. Por que tudo aquilo foi uma farça?

O vereador sr. Oliveira Pinto defendeu no comício, como já expliquámos, a abolição do imposto de consumo cobrado pela Câmara, quando o Estado, pelas determinações dos seus representantes, o auñaria em todo o país. Julga-se que, não se dando por convencidas, vão apresentar um protesto ao gou que, com tal atitude, que deve ser remediado com as seguintes resoluções:

1.º, pagar as percentagens ao Estado consignadas na lei do imposto das transacções, com a condição expressa do governo, ou seus fiscais, não meter o nariz nos mistérios da escrita, por causa das mósas; 2.º, para que fique resarcido o prejuízo derivado da imposição do imposto, todos os comerciantes deverão, em ordem triplicada, aumentar aos gêneros a percentagem devida, pagando o público dum modo indireto o que, directamente nas facturas, não quer contribuir. Chegada a assembleia a estes excelentes resultados, todos os presentes, por baixo da sanefa dos bigodes, se riram do pagode aquitado. Por que tudo aquilo foi uma farça?

O vereador sr. Oliveira Pinto defendeu no comício, como já expliquámos, a abolição do imposto de consumo cobrado pela Câmara, quando o Estado, pelas determinações dos seus representantes, o auñaria em todo o país. Julga-se que, não se dando por convencidas, vão apresentar um protesto ao gou que, com tal atitude, que deve ser remediado com as seguintes resoluções:

1.º, pagar as percentagens ao Estado consignadas na lei do imposto das transacções, com a condição expressa do governo, ou seus fiscais, não meter o nariz nos mistérios da escrita, por causa das mósas; 2.º, para que fique resarcido o prejuízo derivado da imposição do imposto, todos os comerciantes deverão, em ordem triplicada, aumentar aos gêneros a percentagem devida, pagando o público dum modo indireto o que, directamente nas facturas, não quer contribuir. Chegada a assembleia a estes excelentes resultados, todos os presentes, por baixo da sanefa dos bigodes, se riram do pagode aquitado. Por que tudo aquilo foi uma farça?

O vereador sr. Oliveira Pinto defendeu no comício, como já expliquámos, a abolição do imposto de consumo cobrado pela Câmara, quando o Estado, pelas determinações dos seus representantes, o auñaria em todo o país. Julga-se que, não se dando por convencidas, vão apresentar um protesto ao gou que, com tal atitude, que deve ser remediado com as seguintes resoluções:

1.º, pagar as percentagens ao Estado consignadas na lei do imposto das transacções, com a condição expressa do governo, ou seus fiscais, não meter o nariz nos mistérios da escrita, por causa das mósas; 2.º, para que fique resarcido o prejuízo derivado da imposição do imposto, todos os comerciantes deverão, em ordem triplicada, aumentar aos gêneros a percentagem devida, pagando o público dum modo indireto o que, directamente nas facturas, não quer contribuir. Chegada a assembleia a estes excelentes resultados, todos os presentes, por baixo da sanefa dos bigodes, se riram do pagode aquitado. Por que tudo aquilo foi uma farça?

O vereador sr. Oliveira Pinto defendeu no comício, como já expliquámos, a abolição do imposto de consumo cobrado pela Câmara, quando o Estado, pelas determinações dos seus representantes, o auñaria em todo o país. Julga-se que, não se dando por convencidas, vão apresentar um protesto ao gou que, com tal atitude, que deve ser remediado com as seguintes resoluções:

1.º, pagar as percentagens ao Estado consignadas na lei do imposto das transacções, com a condição expressa do governo, ou seus fiscais, não meter o nariz nos mistérios da escrita, por causa das mósas; 2.º, para que fique resarcido o prejuízo derivado da imposição do imposto, todos os comerciantes deverão, em ordem triplicada, aumentar aos gêneros a percentagem devida, pagando o público dum modo indireto o que, directamente nas facturas, não quer contribuir. Chegada a assembleia a estes excelentes resultados, todos os presentes, por baixo da sanefa dos bigodes, se riram do pagode aquitado. Por que tudo aquilo foi uma farça?

O vereador sr. Oliveira Pinto defendeu no comício, como já expliquámos, a abolição do imposto de consumo cobrado pela Câmara, quando o Estado, pelas determinações dos seus representantes, o auñaria em todo o país. Julga-se que, não se dando por convencidas, vão apresentar um protesto ao gou que, com tal atitude, que deve ser remediado com as seguintes resoluções:

1.º, pagar as percentagens ao Estado consignadas na lei do imposto das transacções, com a condição expressa do governo, ou seus fiscais, não meter o nariz nos mistérios da escrita, por causa das mósas; 2.º, para que fique resarcido o prejuízo derivado da imposição do imposto, todos os comerciantes deverão, em ordem triplicada, aumentar aos gêneros a percentagem devida, pagando o público dum modo indireto o que, directamente nas facturas, não quer contribuir. Chegada a assembleia a estes excelentes resultados, todos os presentes, por baixo da sanefa dos bigodes, se riram do pagode aquitado. Por que tudo aquilo foi uma farça?

O vereador sr. Oliveira Pinto defendeu no comício, como já expliquámos, a abolição do imposto de consumo cobrado pela Câmara, quando o Estado, pelas determinações dos seus representantes, o auñaria em todo o país. Julga-se que, não se dando por convencidas, vão apresentar um protesto ao gou que, com tal atitude, que deve ser remediado com as seguintes resoluções:

1.º, pagar as percentagens ao Estado consignadas na lei do imposto das transacções, com a condição expressa do governo, ou seus fiscais, não meter o nariz nos mistérios da escrita, por causa das mósas; 2.º, para que fique resarcido o prejuízo derivado da imposição do imposto, todos os comerciantes deverão, em ordem triplicada, aumentar aos gêneros a percentagem devida, pagando o público dum modo indireto o que, directamente nas facturas, não quer contribuir. Chegada a assembleia a estes excelentes resultados, todos os presentes, por baixo da sanefa dos bigodes, se riram do pagode aquitado. Por que tudo aquilo foi uma farça?

O vereador sr. Oliveira Pinto defendeu no comício, como já expliquámos, a abolição do imposto de consumo cobrado pela Câmara, quando o Estado, pelas determinações dos seus representantes, o auñaria em todo o país. Julga-se que, não se dando por convencidas, vão apresentar um protesto ao gou que, com tal atitude, que deve ser remediado com as seguintes resoluções:

1.º, pagar as percentagens ao Estado consignadas na lei do imposto das transacções, com a condição expressa do governo, ou seus fiscais, não meter o nariz nos mistérios da escrita, por causa das mósas; 2.º, para que fique resarcido o prejuízo derivado da imposição do imposto, todos os comerciantes deverão, em ordem triplicada, aumentar aos gêneros a percentagem devida, pagando o público dum modo indireto o que, directamente nas facturas, não quer contribuir. Chegada a assembleia a estes excelentes resultados, todos os presentes, por baixo da sanefa dos bigodes, se riram do pagode aquitado. Por que tudo aquilo foi uma farça?

O vereador sr. Oliveira Pinto defendeu no comício, como já expliquámos, a abolição do imposto de consumo cobrado pela Câmara, quando o Estado, pelas determinações dos seus representantes, o auñaria em todo o país. Julga-se que, não se dando por convencidas, vão apresentar um protesto ao gou que, com tal atitude, que deve ser remediado com as seguintes resoluções:

1.º, pagar as percentagens ao Estado consignadas na lei do imposto das transacções, com a condição expressa do governo, ou seus fiscais, não meter o nariz nos mistérios da escrita, por causa das mósas; 2.º, para que fique resarcido o prejuízo derivado da imposição do imposto, todos os comerciantes deverão, em ordem triplicada, aumentar aos gêneros a percentagem devida, pagando o público dum modo indireto o que, directamente nas facturas, não quer contribuir. Chegada a assembleia a estes excelentes resultados, todos os presentes, por baixo da sanefa dos bigodes, se riram do pagode aquitado. Por que tudo aquilo foi uma farça?

O vereador sr. Oliveira Pinto defendeu no comício, como já expliquámos, a abolição do imposto de consumo cobrado pela Câmara, quando o Estado, pelas determinações dos seus representantes, o auñaria em todo o país. Julga-se que, não se dando por convencidas, vão apresentar um protesto ao gou que, com tal atitude, que deve ser remediado com as seguintes resoluções:

1.º, pagar as percentagens ao Estado consignadas na lei do imposto das transacções, com a condição expressa do governo, ou seus fiscais, não meter o nariz nos mistérios da escrita, por causa das mósas; 2.º, para que fique resarcido o prejuízo derivado da imposição do imposto, todos os comerciantes deverão, em ordem triplicada, aumentar aos gêneros a percentagem devida, pagando o público dum modo indireto o que, directamente nas facturas, não quer contribuir. Chegada a assembleia a estes excelentes resultados, todos os presentes, por baixo da sanefa dos bigodes, se riram do pagode aquitado. Por que tudo aquilo foi uma farça?

O vereador sr. Oliveira Pinto defendeu no comício, como já expliquámos, a abolição do imposto de consumo cobrado pela Câmara, quando o Estado, pelas determinações dos seus representantes, o auñaria em todo o país. Julga-se que, não se dando por convencidas, vão apresentar um protesto ao gou que, com tal atitude, que deve ser remediado com as seguintes resoluções:

1.º, pagar as percentagens ao Estado consignadas na lei do imposto das transacções, com a condição expressa do governo, ou seus fiscais, não meter o nariz nos mistérios da escrita, por causa das mósas; 2.º, para que fique resarcido o prejuízo derivado da imposição do imposto, todos os comerciantes deverão, em ordem triplicada, aumentar aos gêneros a percentagem devida, pagando o público dum modo indireto o que, directamente nas facturas, não quer contribuir. Chegada a assembleia a estes excelentes resultados, todos os presentes, por baixo da sanefa dos bigodes, se riram do pagode aquitado. Por que tudo aquilo foi uma farça?

O vereador sr. Oliveira Pinto defendeu no comício, como já expliquámos, a abolição do imposto de consumo cobrado pela Câmara, quando o Estado, pelas determinações dos seus representantes, o auñaria em todo o país. Julga-se que, não se dando por convencidas, vão apresentar um protesto ao gou que, com tal atitude, que deve ser remediado com as seguintes resoluções:

1.º, pagar as percentagens ao Estado consignadas na lei do imposto das transacções, com a condição expressa do governo, ou seus fiscais, não meter o nariz nos mistérios da escrita, por causa das mósas; 2.º, para que fique resarcido o prejuízo derivado da imposição do imposto, todos os comerciantes deverão, em ordem triplicada, aumentar aos gêneros a percentagem devida, pagando o público dum modo indireto o que, directamente nas facturas, não quer contribuir. Chegada a assembleia a estes excelentes resultados, todos os presentes, por baixo da sanefa dos bigodes, se riram do pagode aquitado. Por que tudo aquilo foi uma farça?

O vereador sr. Oliveira Pinto defendeu no comício, como já expliquámos, a abolição do imposto de consumo cobrado pela Câmara, quando o Estado, pelas determinações dos seus representantes, o auñaria em todo o país. Julga-se que, não se dando por convencidas, vão apresentar um protesto ao gou que, com tal atitude, que deve ser remediado com as seguintes resoluções:

1.º, pagar as percentagens ao Estado consignadas na lei do imposto das transacções, com a condição expressa do governo, ou seus fiscais, não meter o nariz nos mistérios da escrita

Serviço de livraria DE A BATALHA

Livraria Renascença | Belsaúde VITERI

J. CARDOSO, L. da — Editores

RUA DOS POIAES DE S. BENTO, 27

Foi inaugurado há dias este estabelecimento, onde se encontram à venda obras literárias, científicas, sociais, filosóficas, profissionais e artísticas.

Em breve sob a direção de Manuel Ribeiro o autor de «A Catedral» e «O Deserto» se iniciará a publicação de três coleções a tomos, sendo a primeira intitulada Coleção Autores Celebres ilustrada. Iniciando-se com a grandiosa obra de Vitor Hugo Os Miseráveis.

A segunda denominada Germinal iniciará com a magnifica obra de Kropotkin O Auxílio Mútuo trabalho maravilhoso onde é demonstrada a verdadeira solidariedade que existe nos animais irracionais.

A terceira intitulada Renascença abrirá com A Pecadora da Galileia, por René Emery, romance que remonta aos tempos primitivos do Cristianismo e que só aparecer em França, em poucas semanas se esgotaram trinta edições.

Outras publicações em separado se editarão de maneira a educar e instruir a classe trabalhadora.

Também tem montada uma secção de artigos de escritório e escolares fornecendo todos os objectos e artigos para o funcionamento de qualquer organismo.

Fornecemos carimbos de borracha e de metal, cartões de visita e de identidade, encadernações e todos os trabalhos tipográficos.

Fornecemos bibliotecas e procura de livros raros, assim como, a compra e venda de livros usados.

Todos os artigos são vendidos aos preços mais baixos do mercado não restando concorrência.

A nossa divisa será Honestidade e audácia para vencer, esperando que o público e todos os camaradas e amigos façam uma visita ao nosso estabelecimento o que agradecemos.

CALÇADO

Aos asmáticos

Gotas anti-asmáticas «SALIS»

GRANDE LIQUIDAÇÃO
em todos os calçados existentes na
Sapataria do Calhariz

Além dos tipos que a seguir citamos, enorme variedade saldos, vendendo tudo com grandes abatimentos, não obstante as últimas subidas motivadas pela dose ropergávrios.

A 8\$80

GRANDE lote de sapatos de lona para senhora, cujo actual valor é 15\$50.

A 15\$00

GRANDE lote de sapatos em vitela preta, cujo valor actual é 16\$80, pois só o feito custa 7500.

A 35\$00

BOTAS de calf de cér., com 1 sola, que em toda a parte se vendem a 40\$00 e mais.

A 20\$00

BOTAS de cér. e pretas cujo valor real é de 28\$00, na grande liquidação da Sapataria do Calhariz.

A 27\$50

GRANDE lote de botas em superior cal preto, cujo valor é 38\$00.

A 23\$50

UM lote de botas em cal preto, 1 sola, para homem; um dito em 2 solas.

A 19\$50

SAPATOS de pelica bronzeada, cujo valor é 36\$00.

A 17\$50

UM grande lote de sapatos em verniz preto, com salto Luis XV; outro em cal amarelo, cujo valor é 28\$00.

SANDALIAS

GRANDE SORTIMENTO com grandes diferenças de preços.

Para futebol

Vendemos todos estes calçados — 30 a 40 % mais barato —

Grande sortimento em calçados caseiros, bainhas de quarto, móriscas, calçados das mais recentes novidades para homens, senhoras e crianças, que tudo se vende com grandes diferenças de preços.

Sapataria do Calhariz

Largo do Calhariz, 33

GRANDE ECONOMIA

EPOCA AGRICOLA DE 1922

Seguros de Incêndio de Searas

A MUNDIAL, devido a um acordo com um poderoso grupo de companhias estrangeiras COBRA MENOS de METADE DOS PREMIOS até aqui estabelecidos nos seguros de cereais e paillás. ALEM DISSO, «A MUNDIAL» NADA COBRA a título de ENCARGOS ou CONTRIBUIÇÕES pois que estas são por ela integralmente pagas.



A MUNDIAL

COMPANHIA DE SEGUROS

Capital inteiramente realizado 500:000\$00

RESERVAS: 749:05160,9

SEDE EM LISBOA

DELEGAÇÃO NO PORTO

Rua Garrett, 95 — Tel. 4084

R. Sá da Bandeira, 331, 1.^o

Biblioteca de Instrução Profissional

LIVROS ESCOLARES BROCHADOS

Algebra 4.80 Gometria 4.20

Aritmética prática 4.80 Curso Portug. 3.00

Desenholer 3.00 Mecânica 3.00

Física 3.00 Química 4.20

ELEMENTOS GERAIS (encadernados)

Algebra elementar 6.60

Aritmética prática 6.60

Desenho leniar geométrico 4.80

Elementos de física 4.80

Mecânica 4.80

Modelação ornato e figura 4.80

Projeções 7.20

Química 6.00

Geometria plana e no espaço 4.80

ESCRITURAÇÃO COMERCIAL

Escritação comercial-industrial 4.80

Escritação e contabilidade co-mercial 9.60

Escritação associativa 4.00

Manual prático de corresponden-cia comercial 7.20

CONSTRUÇÃO CIVIL

Acabamentos de construções 6.00

Alvenaria e cantaria 5.40

Edificações 5.40

Encanamentos e salubridade das habitações 5.40

Materiais de construção 7.20

Terraplanagem e alicerces 4.80

Trabalhos de carpintaria civil 6.00

Terrenaria civil 6.00

DIVERSAS INDÚSTRIAS

Indústria alimentar 4.80

Cerâmica 4.80

DICIONÁRIOS

Dicionário da língua portuguesa 7.20

do sinônimos da língua portuguesa 7.20

prático francês-portu-gues 24.00

português-ingles e in-glês-português 14.00

MECANICA

Desenho de máquinas 12.00

Material agrícola 4.50

Nomenclatura de caldeiras e má-quinas de vapor 5.40

Problema de máquinas 7.20

MANUAIS DE OFÍCIOS

Conduitor de máquinas 6.00

Electricista 7.20

Fabricante de tecidos 4.80

Ferreiro 4.80

Fogueiro 5.40

Formador e escudador 4.80

Fundidor 5.40

Galvanoplastia 6.00

Motores de explosão 7.80

Pilotagem 6.00

Gravura química, eléctrica e fo-tográfica 1.50

Desde que lhe sejam enviada a im-portância respectiva acrescida demais 10 % para as despesas de porte e re-gistro a administração de A Batalha en-viara qualquer das obras anunciatas.

Depósito geral

FARMACIA CASTRO,

SUCESSOR

199, Rua de S. Bento, 199-A

LISBOA

199, Rua de S. Bento, 199-A